



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Francisco Felipe dos Santos Sales

**TEMPO, HISTÓRIA E PROFECIA: UMA PROPOSTA DE CRISTIANISMO
NOS MANUSCRITOS TEOLÓGICOS DE NEWTON**

Brasília
2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Francisco Felipe dos Santos Sales

**TEMPO, HISTÓRIA E PROFECIA: UMA PROPOSTA DE CRISTIANISMO
NOS MANUSCRITOS TEOLÓGICOS DE NEWTON**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em História.

Brasília
2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Francisco Felipe dos Santos Sales

**TEMPO, HISTÓRIA E PROFECIA: UMA PROPOSTA DE CRISTIANISMO
NOS MANUSCRITOS TEOLÓGICOS DE NEWTON**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka
Universidade de Brasília
Orientador

Profa. Dra. Camila da Silva Condilo
Universidade de Brasília
Examinadora

Prof. Gilson Charles dos Santos
Universidade de Brasília
Examinador

Defendida em 27/06/2019

A imaginação é como o Sol, cuja luz não é tangível mas pode incendiar uma casa. A imaginação dirige a vida do homem; se ele pensa na guerra, fará a guerra. Tudo depende do desejo do homem de ser Sol, isto é, de ser totalmente o que quer ser.

Paracelso

RESUMO

Figura proeminente na física moderna e no quadro das ciências naturais em geral, Isaac Newton (1643-1727) tem uma extensa produção textual que trata de interesses aparentemente antagônicos: física, matemática, ótica, história do Cristianismo, literatura apocalíptica, profecia bíblica etc. O presente trabalho monográfico tem como objetivo acompanhar as ideias gerais de Newton presentes em alguns de seus manuscritos teológicos, demonstrando que o autor, na conjuntura de sua época, revigora os anseios intelectuais de seus contemporâneos, produzindo uma série de documentos que nos informam sobre as visões religiosas do pensador, onde estão explícitas críticas à corrupção moral do cristianismo institucionalizado. Para Newton, somente quando reveladas as corrupções da doutrina cristã é que se torna possível buscar reaver o sentido verdadeiro da fé em Deus.

Palavras-chave: Isaac Newton, cristianismo, iluminismo.

ABSTRACT

A prominent figure in modern physics and in the framework of the natural sciences in general, Isaac Newton (1643-1727) has an extensive textual production dealing with seemingly antagonistic interests: physics, mathematics, optics, history of Christianity, apocalyptic literature, Bible prophecy, etc. The present monographic work aims to follow the general ideas of Newton present in some of his theological manuscripts, demonstrating that the author, in the conjuncture of his time, accompanies the intellectual yearnings of his contemporaries, producing a series of documents that inform us about the religious views of the thinker, where explicit criticisms are made about the moral corruption of institutionalized christianity. For Newton, only when these corruptions of Christian doctrine are revealed is it possible to seek to recover the true meaning of faith in God.

Keywords: Isaac Newton, Christianity, The Enlightenment

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. TEMPO	10
2.1 Newton e o Trinity College	10
2.2 O gênero apocalíptico e o Livro de Daniel	13
3. HISTÓRIA	18
3.1 Os manuscritos de Newton: uma história à parte.....	18
3.2 A teologia e a filosofia natural de Isaac Newton	21
3.3 A heterodoxia religiosa de Newton.....	25
3.4 A Consciência religiosa inglesa e o milenarismo	29
4. PROFECIA	34
4.1 Sobre a estrutura do <i>Observations</i>	34
4.2 A hermenêutica de Newton.....	37
5. CONCLUSÕES.....	41
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
6.1 Fontes	44
6.2 Obras de referência	44
6.3 Newton, profecia e apocalipse	46

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho começou a ganhar os seus primeiros traços já na metade do curso de graduação. Misto do interesse pela História das Ideias, Época Moderna e literatura Apocalíptica, o contato com a obra de Isaac Newton se deu por acaso e, evidentemente, foi motivo de grande surpresa e perplexidade. Conhecendo apenas o básico de uma vasta obra científica, nunca me ocorreu pensar em Newton, o físico, dividindo o seu tempo e esforço em trabalhos sobre a história do Cristianismo – com uma atenção especial dada à Igreja Católica –, profecias bíblicas, teorias escatológicas e até mesmo buscando compreender a *lapis philosophorum* dos alquimistas. Logo, o entusiasmo se transformou em pesquisa, trabalho de iniciação científica, monografia de graduação, e permanece ainda atizando dúvidas e suspeitas sobre um dos maiores intelectuais da ciência moderna.

Isaac Newton, então, ganhou novas tonalidades: o responsável pelos fundamentos da física moderna agora é também um homem pio, de caráter introspectivo, cuidadoso ao mensurar o tempo descrito nas Escrituras e defensor de um credo cristão, tendo presente em seus ensaios teológicos as críticas à Igreja de Roma e a marca anglicana que lhe garantia uma especificidade digna de conhecimento e comentários. O esforço deste trabalho, portanto, é aproximar-se do “Newton encarnado”, afastando-se do personagem dos manuais de ciência e situando-o no contexto iluminista.

Para isso, dedicar-se-ão três capítulos: o primeiro, de título “Tempo”, fará um breve comentário sobre os aportes teóricos e metodológicos que funcionarão como fundamento para o trabalho, bem como espera-se aclarar ao leitor as especificidades da literatura apocalíptica como gênero textual e documento histórico.

Num segundo momento, intitulado “História”, a documentação selecionada para este exercício será apresentada e contextualizada. Os textos selecionados para análise são: a obra religiosa de maior extensão de Newton, publicada postumamente por seu cunhado, Benjamin Smith, em 1733, intitulada “*Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John*”, ou apenas *Observations*; e outras anotações e correspondências diversas, além de pequenos rascunhos teológicos, todos manuscritos por Newton após 1710.

Em “Profecia”, terceira parte deste texto, as temáticas do milenarismo e da escatologia cristã serão reforçadas por meio de um exame do *Observations*, e com isso, buscaremos esclarecer a importância da adoção de formas de divisão e concepção do tempo para a religião de Newton e para a sua noção de mundo. Por fim, esses indícios serão reforçados precipuamente nas Conclusões.

2. TEMPO

2.1 Newton e o Trinity College

O movimento iluminista dos séculos XVII e XVIII é uma das matrizes do pensamento moderno, em particular no que concerne às ciências do homem e da sociedade. Trata-se de um período no qual comércio, literatura, ética, política, ciência e demais aspectos da vida em sociedade não eram objetos de reflexão isolados, mas partes interdependentes do que se denominava filosofia moral, que integrava o projeto iluminista, no qual o indivíduo era um ser social, como pensaram os moralistas escoceses, o idealismo alemão e o racionalismo francês.¹

O foco da História nunca foi somente o passado. As explicações que surgem após uma visita às experiências humanas vividas no tempo pretérito ajudam o ser humano a conferir sentido às suas práticas e questionamentos do presente. Mais do que isso, a História se comporta como um verdadeiro campo de especulações e esperanças futuras, em um processo de autoconhecimento e até de individuação, para tomar de empréstimo o termo de Jung.² O homem do presente utiliza a História como ferramenta para compreender a si e ao mundo que o cerca— seja ele o mundo presente, futuro ou passado. Esse posicionamento teórico – adotado neste trabalho – tem como base a relação entre a experiência humana e a temporalidade das ações e fatos que constituem a História e a personalidade, argumento que de certa forma predomina na obra do historiador alemão Reinhart Koselleck³. Relacionado a isso, tem-se como fator comum de interpretação histórica a prevalência do indivíduo enquanto ser histórico – o que é muito bem demonstrado pela hermenêutica de inspiração heideggeriana de Hans George Gadamer.⁴

¹ Sobre individualismo e liberalismo na gênese do projeto iluminista, ver BACHUR, João Paulo. Individualismo, liberalismo e filosofia da história. *Lua Nova*, São Paulo, n. 66, p. 167-203, 2006 e MARTINS, E. R. O Moralismo Escocês Do Séc. XVIII e a Concepção De Liberdade No Kant Pré-Crítico. *Revista Portuguesa De Filosofia*, vol. 39, no. 3, 1983, pp. 294–311.

² JUNG, C. G. *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982. 1-17.

³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011 e OLSEN, Niklas. *History in the plural: an introduction to the work of Reinhart Koselleck*. New York: Berghahn Books, 2012. viii, 338 p.

⁴ GADAMER, Hans Georg. *Truth and method*. 2. ed. London: Sheed & Ward, 1985. pp. 13-38.

Portanto, localizar geograficamente as teias de relações que conectavam diferentes filósofos, matemáticos, teólogos e diletantes tem função vital para compreender como a educação de Isaac Newton se alicerçou e buscou interesses diversos como a matemática, a física, a ótica, os estudos bíblicos e alquímicos. Nascido em dezembro de 1643⁵ em Woolsthorpe, no condado de Lincolnshire, teve uma vida longa, vivendo até 1727. Em quase oitenta e cinco anos de vida, pode acompanhar de perto os trabalhos de ciência moderna publicados por Galileu, Kepler e Descartes. Vindo de uma família ascendente da sociedade rural, que era a responsável por manter as estruturas tradicionais que até então estipulavam as leis e o direito da época (*common law*) com base nos costumes e legitimação via Tribunais de Westminster de Henrique II, os Newton conheceram uma proeminente família de Lincolnshire – os Ayscough – que mantiveram tutela sobre o pequeno Newton, concedendo-lhe uma educação formal.

O jovem Newton foi criado pelos avós. Herdou do avô clérigo uma biblioteca formada quase que totalmente por livros de teologia, ao passo que sua educação no liceu de Grantham garantiu ao jovem o estudo da Bíblia em línguas clássicas (grego e latim). Richard Westfall, um dos maiores biógrafos de Newton, considera essa fase da vida do jovem rapaz, onde estudos bíblicos aliados à biblioteca do velho reverendo Smith e um total desconhecimento da cultura matemática da época, podem ser fatores importantes para acontecimentos posteriores em sua fase adulta, como a contínua dedicação aos estudos bíblicos e a polêmica com Leibniz⁶.

Da região interiorana e da educação provinciana, o jovem Newton, de desempenho ruim em gramática e outras disciplinas, envolvia-se constantemente em brigas na escola, e apesar de seu porte franzino, envolveu-se em conflito com um inimigo, humilhando-o diante de todos. Esse evento, segundo Westfall⁷, teria sido um marco na puberdade de Newton, que, a partir de então, decidiria ser o melhor aluno da escola⁸. Na adolescência demonstrou melhor desempenho escolar e interesse em manufaturar objetos

⁵ Na época, a Inglaterra não havia aceitado, até então, o calendário gregoriano, promulgado pelo papado de Gregório XIII desde 1582. Estava dez dias defasada, e Newton nascia portanto em 25 de dezembro de 1642 segundo o calendário *antigo*, que perdeu a vigência desde 1752 na Grã-Bretanha.

⁶ WESTFALL, Richard. *Um garoto sóbrio, pensativo e silencioso*. In: A Vida de Isaac Newton. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 12 e MELI, Domenico B. Newton and the Leibniz-Clarke correspondence. In: COHEN, I. Bernard; SMITH, George E. (Org.). *The Cambridge Companion To Newton*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. cap. 16, p. 455-464.

⁷ WESTFALL, R. A vida de Isaac Newton, p. 457.

⁸ op. cit. p. 32

de madeira, bem como desenhar. Há relatos de carrinhos de madeira acionados por manivelas, moinhos de madeira, pipas (que o jovem doava aos seus colegas, numa tentativa de angariar popularidade), casas de boneca e relógios de sol⁹.

Newton entrou no Trinity College por volta de 1661, após ter fracassado como fazendeiro responsável pelas terras e rebanhos de sua família. Em 1662, adquiriu o manual de teologia *De quatuor imperiis summis*, de Johann Sleidan, alemão do século XVI que trabalhava com interpretação dos quatro reinos de Daniel. Tal fato evidencia o interesse contínuo de Newton pelos estudos bíblicos, com maior preocupação pela interpretação da cronologia bíblica¹⁰. Essa época foi um divisor de águas na vida intelectual de Newton, pois seus interesses por filosofia natural e mecânica começaram a se desenvolver, visto que a ele lhe são apresentados, formal e informalmente, os escritos de Aristóteles e Descartes¹¹.

Em 1664, Newton já escrevia em um caderno comprado por volta de 1664 – o seu famoso *notebook* – suas *Quaestiones*, um apanhado de anotações e observações do jovem que surgiam mediante o questionamento ativo do funcionamento do mundo e das coisas que nele existem. Esse hábito de anotações ajudou a moldar a ciência experimental que transmutaria os sentidos da filosofia natural.¹² Newton custeava os estudos universitários limpando urinóis e servindo refeições para os professores e seus colegas acadêmicos.

Até esse ano, Newton não se destacara como aluno no Trinity College e sua condição social não o favorecia. Com os anos de academia prestes a se esgotar, é na figura de Isaac Barrow que Newton avalia ter tido alguma chance para se manter ali dentro. O apreço de Barrow por Newton foi indispensável para a ascensão social de Newton no meio acadêmico, já que foi por meio dele que Newton conseguiu sua bolsa de estudos e pode então dedicar sua mente inquieta no prosseguimento do trabalho de Barrow, entrando em contato com as obras de Euclides e a *Geometria* de Descartes.¹³ Durante todo o seu bacharelado, Newton dedicou-se à reflexão de ideias de matemáticos, filósofos e teólogos clássicos e contemporâneos. No próximo capítulo, compreenderemos como

⁹ Idem, p. 34

¹⁰ Ibid. p. 12 e NEWTON, Isaac. *Theological Notebook*. Cambridge: c. 1684-1690.

¹¹ CASINI, Paolo. *Newton e a consciência europeia*. São Paulo: UNESP, 1995.

¹² Idem.

¹³ FEINGOLD, M. *Before Newton: The Life and Times of Isaac Barrow*. Cambridge University Press. 1990, p. 112.

diferentes tradições de pensamento e variados interesses confluem num Newton heterogêneo, que tentou resolver racionalmente os dilemas de sua época.

2.2 O gênero apocalíptico e o Livro de Daniel

Os estudos e reflexões sobre as revelações bíblicas, profecias e textos que contém algum caráter escatológico são constantes na tradição cristã; como exemplo, já na altura do medievo, Pedro Abelardo escrevia sobre tais assuntos¹⁴. A evolução das ciências hermenêuticas no século XIX¹⁵ e suas estritas relações com a literatura evidenciam um fortalecimento do campo ao longo do tempo, possibilitando influências diversas em outras áreas do conhecimento, como o direito, a história e a teologia.

A partir da influência de acadêmicos alemães, viu-se despontar, desde a década de setenta do século passado, a compilação e o estabelecimento do que entendemos aqui por gênero apocalíptico. John J. Collins frisa a importância dessas contribuições e enfatiza o nome de Klaus Koch¹⁶ e sua crítica aos especialistas que viam no termo "apocalipse" algo negativo, ligado a tendências fanáticas e grupos milenaristas, além de dissidências internas no campo da teologia, como a separação entre católicos e protestantes e as suas devidas interpretações acerca do tema¹⁷. De fato, não existia, até à época, um consenso sobre o termo "apocalíptico".

O termo apocalipse, do grego *αποκάλυψης*, pode ser traduzido como "revelação" e a sua adoção ocorre em textos contemporâneos à aparição do cristianismo, o que revela que a aplicação moderna é um construto muito posterior, adotada desde a publicação dos estudos de Friedrich Lücke sobre o tema, em 1832, e a já mencionada contribuição de Koch (1970)¹⁸. Entretanto, essa palavra oferece uma função semântica importante para a criação de uma nomenclatura que, embora diacrônica, não tinha uma preocupação estritamente histórica, porém literária: o surgimento do gênero apocalíptico tem como

¹⁴ ROSSATTO, N. D.; DIEBE, E. P. . A filosofia cristã de Pedro Abelardo: diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão. *Mediaevalia Americana*, v. 1, p. 91-102, 2014.

¹⁵ Ver ROCHA, S. A. Evolução histórica da teoria hermenêutica: do formalismo do século XVIII ao pós-positivismo. *Lex Humana*. Vol. 1, Nº 1 (2009) .

¹⁶ COLLINS, J. J. *The apocalyptic imagination: an introduction to Jewish apocalyptic literature*. 2ª Ed. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998. p. 16

¹⁷ *Idem*, p. 17.

¹⁸ *Ibid.* p. 18.

objetivo reunir, sob uma mesma etiqueta, textos que apresentassem características únicas que os diferissem de outros tipos textuais.

Uma extensa análise sobre essa literatura considerada “apocalíptica”, seja pelos textos antigos ou pela erudição moderna está publicada na revista *Semeia*, da Society of Biblical Literature Genres Project. Intitulada “Apocalypse: The Morphology of a Genre”, essa edição tem uma das melhores definições sobre o gênero apocalíptico, já que parte de uma análise sistêmica e forma uma estrutura coerente. Vale a pena repeti-la aqui:

(...) um gênero de literatura reveladora com uma estrutura narrativa, em que uma revelação é mediada por um ser de outro mundo para um destinatário humano, revelando uma realidade transcendente que é temporal, na medida em que prevê a salvação escatológica e espacial na medida em que envolve outra, mundo sobrenatural¹⁹.

A respeito das estruturas narrativas consideradas por essa definição, o gênero apocalíptico está dividido entre dois grandes subtipos textuais: o primeiro engloba, genericamente, apocalipses do tipo “histórico”, como Daniel, onde uma preocupação em desenhar o passado e o futuro, de forma escatológica, é algo muito mais forte do que no segundo tipo; este, por sua vez, trata geralmente de jornadas a um outro mundo, mais interessado em demonstrar constituições cosmológicas do tempo-espaço. Enquanto no segundo tipo a revelação ocorre por meio de arrebatamentos, suplementados com um discurso angélico ou de uma figura de autoridade metafísica, no primeiro tipo a forma apocalíptica aparece por meio de sonhos e visões. Neste caso, a elucidação sobre a mensagem divina do fim dos tempos é realizada pelo próprio visionário, ainda que a ele lhe seja apresentada por um agente intermediário entre o mundo divino e o mundo sublunar.

Mesmo oferecendo um caráter estruturalmente importante e até didático, na prática essa divisão apresenta inúmeros problemas. Quando lemos as visões proféticas do livro de Daniel, por exemplo, vemos que elas não se restringem somente ao escopo do gênero e não devem ser analisadas somente pelo seu prisma, já que Daniel 1-6 oferece

¹⁹ COLLINS, J. J. (Org.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. *Semeia* 14, 1979, p. 9, tradução nossa. No original: “(...) a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality which is both temporal, insofar as it envisages eschatological salvation, and spatial insofar as it involves another, supernatural world.”

um contexto histórico que reitera funções do texto apocalíptico enquanto obra de caráter social, onde crenças e valores culturais são reforçados, motivado pela perseguição de Antíoco IV Epífânio²⁰. O gênero apocalíptico, portanto, não deve ser compreendido como algo isolado de outras formas literárias, de um contexto intelectual e histórico, de sua função sócio-cultural e política, enfim, dos problemas que motivaram a produção deste tipo de obra em uma determinada conjuntura²¹.

O autor integrante do grupo que escreveria mais tarde a edição 36 da *Semeia*, David Hellholm, propôs que a definição do gênero apocalíptico presente em *Semeia* 14 poderia ser emendado pela seguinte adição: "destinado para um grupo em crise com o propósito de exortação e/ou consolo por meios de autoridade divina"²². Embora tal consideração possa ser levada muito a sério, sobretudo ao percebermos o caráter ilocutório dos textos apocalípticos, é importante frisar que nem sempre o contexto de produção textual indicava um momento de crise social, política ou econômica, mas boa parte dos textos hebraicos são produzidos em momentos assim. Se o texto não oferece uma solução histórica para os momentos de crise, sua técnica propõe uma resolução "imaginária", que conforta o leitor ou ouvinte daquele texto.

Em Daniel, encontramos marcas próprias da literatura apocalíptica: o texto oferece uma recapitulação histórica do passado judaico e o processo de salvação dos eleitos, após uma série de tribulações (aqui diretamente relacionadas a Antíoco IV Epífânio e à desolação e destruição do templo, principalmente) vividas pela comunidade judaica – compreendida como um ator coletivo e integrante de uma história providencial, onde um futuro escatológico é delineado, de onde virá o julgamento dos bons, a ressurreição, a destruição dos impuros e de outras formas de vida e a transformação do mundo, características que revigoram a importância religiosa deste texto sagrado. Ademais, em Daniel temos o uso da profecia *ex eventu*, já que a datação da escrita e a consistência da obra apontam para um momento muito posterior ao que é defendido pelo

²⁰ Ibid. p. 24

²¹ Idem.

²² HELLHOLM, D. The Problem of Apocalyptic Genre and the Apocalypse of John, in A. Yarbro Collins, ed.. Early Christian Apocalypticism: Genre and Social Selling (*Semeia* 36; Decatur, GA: Scholars Press, 1986).

texto hebraico. Seria, portanto, um texto “pós-dito”, onde a narração profética acontece séculos depois do esquema histórico proposto pelo texto de Daniel²³.

O texto apocalíptico não é constituído apenas por um esquema narrativo-descritivo onde aspectos históricos e teleológicos são articulados. A literatura profética, e os textos escatológicos de outros tipos que podem integrar esse gênero, como outros textos apócrifos, apocalipses persas e gnósticos, por exemplo, apresentam símbolos e recursos metafóricos revelados pela linguagem do texto e pela mediação entre o humano e o divino.

Se para uma consolidada parte erudita o estudo da linguagem simbólica dos textos apocalípticos despertou interesse a partir das contribuições de R. H. Charles e Hermann Gunkel através do estudo comparativo de tradições mitológicas e simbólicas²⁴ em Isaac Newton e nos autores que o precederam imediatamente, a linguagem simbólica dos textos proféticos informava, de forma criptografada, as intenções de um processo da ação divina no decorrer da história.²⁵

William Whiston, ao organizar e publicar uma edição das *Observations* com um extenso comentário, deixa claro que a função desse tipo de texto é revelar, por meio de uma linguagem codificada, mas passível de interpretação, o sentido da experiência humana na história sob um prisma cristão – visão já defendida por Newton. A linguagem profética pretende ser reveladora para a maioria das pessoas, por isso possui a forma mais simples possível, por meio de analogias simples, percebidas quase que por um senso comum. Como se o texto revelatório tivesse uma íntima ligação com o inconsciente humano. Jung, ao relacionar a psicologia e as práticas alquímicas de diversas épocas²⁶, conclui que a projeção inconsciente das vontades e anseios do alquimista era a responsável pela correlação dos símbolos, práticas. Seus significados e resultados, apresentam um paradigma de interpretação que pode se estender, dentro de suas limitações, ao contexto imaginário dos intérpretes do texto apocalíptico na época moderna: neste caso, a recapitulação histórica, as retribuições futuras e a denúncia de uma

²³ Ibid. p. 22

²⁴ Ibid. p. 29

²⁵ WHITLA, William (Org.). Sir Isaac Newton's Daniel and the Apocalypse: With an introductory study of the nature and the cause of unbelief, of miracles and prophecy. Londres: John Murray, 1922. pasim.

²⁶ JUNG, C. G. Psicologia e alquimia. Rio de Janeiro: Vozes, 1990. pp. 137-159.

deturpação moral da condição humana e da religião são estendidas ao momento presente do intérprete, e também os símbolos, mitos e analogias da linguagem apocalíptica são ressignificados para corroborar a interpretação dos homens dos séculos XVI e XVII. Nessa linha, o texto apocalíptico não se encerra ao seu contexto histórico imediato; sua interpretação é diacrônica, historicizada na medida em que informa, a um novo grupo religioso, novas motivações baseadas na fé. É por esse motivo que Daniel tem forte apelo entre os grupos protestantes milenaristas e radicais pós-Reforma Protestante.

Isaac Newton tem objetivos ao criticar e sistematizar, em um modelo sincrônico e diacrônico, os textos bíblicos de Daniel e o Apocalipse. Apoiado numa leitura rígida dos textos, de seus conceitos e símbolos (sobretudo os numéricos, importantes para a datação final que o autor almeja), Newton faz com quem textos de um passado distante historicamente com os resultados da ação do homem e da Igreja Católica ao longo do percurso do tempo, levando a religião cristã ao auge de sua decadência. É, portanto, uma defesa da autoridade textual, pretérita e praticamente inalcançável, aquilo que garante a originalidade e autenticidade da verdadeira religião, aquela que domina a vida religiosa e se consagra na vida mundana, ainda que não tenha o poder de intermediar os problemas desse reino, restando à ela a função natural de ligar Deus e sua criação. A função da literatura apocalíptica, neste caso, é moldar a percepção imaginativa de uma situação e, assim, estabelecer a base para qualquer ação de exortação²⁷.

²⁷ COLLINS, J.J. op. cit. p. 57

3. HISTÓRIA

3.1. Os manuscritos de Newton: uma história à parte

Newton, como já dissemos, foi alguém que demonstrou interesse por inúmeras áreas da filosofia natural, teologia, entre outras, e, ao morrer em 20 de março de 1727, deixou um extenso número de manuscritos e rascunhos sobre diversas áreas do desde o seu ingresso no Trinity College, em Cambridge, em 1661. Neste momento, o nome de John Conduitt, cunhado de Newton, é muito importante para compreendermos a trajetória histórica dessa documentação que foi sendo reunida e recompilada ao longo de décadas, oferecendo ao historiador a possibilidade de novos objetos de pesquisa.

Ao reivindicar o direito de posse dos manuscritos e rascunhos deixados por Newton, Conduitt, amigo próximo e cunhado do intelectual, foi o primeiro em uma empreitada que visava coletar e compendiar as obras não-publicadas. Dentre elas, estavam os maiores tratados teológicos de Newton, a saber, as Observações sobre a profecia de Daniel e uma Cronologia comentada sobre os reinos terrestres. Além disso, Conduitt cuidou de selecionar meticulosamente, no material que possuía, textos que pudessem ilustrar uma biografia de Newton. Mas seus interesses expressavam também uma grande vontade de publicação desses tratados teológicos. O número de emendas, comentários e correções feitas por Conduitt em algumas obras de Newton evidencia isso²⁸.

É preciso argumentar que nessa altura, já em 1740, Newton adquiria uma reputação inigualável como formulador de ideias, e seus comentários teológicos já despertavam curiosidade entre os círculos de teólogos e filósofos próximos às teorias newtonianas.²⁹ A filha de Conduitt, Catherine, casou-se, nessa mesma época, com John Wallop, proeminente nome da família Portsmouth, visconde desde 1753. Com isso, a herança documental de Newton passaria à família Portsmouth e nesse momento, grande parte de seus textos seriam submetidos ao aval de teólogos importantes no contexto religioso e intelectual inglês os quais, nesse momento, censurariam a publicação desses

²⁸ Cf. a entrada Conduitt, John. A Cambridge Alumni Database. University of Cambridge.

²⁹ Ver CASINI, Paolo. Newton e a consciência europeia. São Paulo: UNESP, p. 126.

documentos³⁰. Essa atitude inflamou a fama de Newton de ter aderido a heterodoxias religiosas, como o arianismo e a teologia natural³¹.

Sua documentação alquímica, até esse momento, permanecia conhecida apenas por amigos próximos, como John Locke e Fatio de Duillier. Na virada da década de 50, várias de suas obras matemáticas foram acrescidas de comentários feitos por uma série de pensadores próximos ao pensamento newtoniano e à vida privada do autor, e em 1756, Richard Bentley, notável nome no Trinity College, admirador e divulgador voraz da mecânica newtoniana publicou, pela primeira vez, uma coletânea de correspondências de Newton, onde aparecem pequenos textos das *Quaestiones* sobre a teoria da gravitação e teologia natural.

Nesse contexto, em que grandes autores, como Edward Gibbon, buscavam manuscritos sobre a história da igreja primitiva e sobre o declínio do Império Romano, a nova faceta de Newton, tão pouco conhecida, criou um clima de produção de "obras completas" sobre Newton, como a série de correspondências publicadas pelo bispo Samuel Horsley, em 1779, e revigorou o interesse dos Portsmouth pela liberação para das obras que possuíam, em 1777.

Por cerca de cem anos, o único meio de acesso à documentação mais detalhada de Newton ocorreu por meio de visitas mediadas ao arquivo dos Portsmouth. Um ensejo característico dos séculos XVIII e XIX pela produção de biografias de grandes nomes da história permitiu que David Brewster, por exemplo, produzisse o seu texto clássico sobre a vida de Newton³². Biografias mais recentes, como a de Westfall, produzida anos depois, realçam a importância do conteúdo teológico desses manuscritos e reconfiguram a imagem do grande pensador iluminista, trazendo-o de volta às suas considerações paradoxais sobre a religião cristã³³.

³⁰ Ao adquirir grande estatuto em Cambridge, Newton aparecia como um grande físico e matemático, mas suas opiniões teológicas eram rapidamente ignoradas por seus superiores, ao passo em que, paradoxalmente, Newton cria fortes vínculos com grandes representantes anglicanos que o levam a adquirir uma perspectiva milenarista de interpretação histórica. Ver SNOBELEN, Stephen. D. "The true frame of Nature: Isaac Newton, heresy and the reformation of natural philosophy". In *Heterodoxy in early modern science and religion*, ed. John Brooke and Ian Maclean. Oxford: Oxford University Press, 2005, pp. 260.

³¹ Idem, p. 243.

³² BREWSTER, D. *Life of Sir Isaac Newton*. Nova Iorque: Harper. 1840

³³ Ver WESTFALL, Richard. *A Vida de Isaac Newton*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

Tal elaboração foi propiciada pela forma própria de circulação dos textos manuscritos de Newton no final do século XIX. Em 1872, o 5º conde de Portsmouth, decidiu doar generosamente grande parte da documentação científica à Universidade de Cambridge, optando manter ainda sob a tutela de sua família os documentos de ordem pessoal. Tal empreitada promoveu, num tempo que durou muito mais que o esperado, indo até 1888, a primeira classificação oficial da documentação newtoniana, separada entre documentos "científicos" e "não-científicos" por nomes influentes no âmbito acadêmico de Cambridge.

Devemos comentar que existia uma desordem gigantesca na organização desses documentos, vindas provavelmente desde a época da compilação de *Conduitt*. Em tratados matemáticos, havia muitas justaposições de comentários teológicos de Newton, o que evidentemente não fazia sentido às mentes acadêmicas do século XIX, mas provavelmente tinham sentido para o próprio Newton. Alegando que alguns textos alquímicos não tinham grande interesse científico, parte dessa documentação foi devolvida aos Portsmouth e, grande parte dos escritos de Newton foi classificada à luz de uma mentalidade acadêmica do século XIX em textos sobre "História", "Teologia", "Matemática", "Cronologia", "Química" e "Correspondências". Grande parte dessa documentação, portanto, voltou à tutela dos Portsmouth, sobretudo essas classificadas em "Teologia" e "Cronologia" – bíblica, há de se dizer – alegando desinteresse de Cambridge em sua posse³⁴.

Finalmente, em 1936, os Portsmouth dispuseram para leilão todo o seu arquivo documental relacionado a Newton, que foi catalogado de forma não muito meticulosa e bastante rápida pelo organizador do leilão de Sotheby, J. C. Taylor. A venda ocorreu nos dias 13 e 14 de julho de 1936 e alcançou um valor irrisório. Apesar disso, era a primeira vez em que se divulgava completamente documentos que demonstravam interesses de Newton em alquimia e em uma teologia heterodoxa³⁵.

Bastante interessado nas ideias de Newton a respeito de religião, o economista John Maynard Keynes, que perdeu a ocasião do leilão, começou a comprar individualmente de antiquaristas e estudiosos, diversos manuscritos de Newton, e nesse

³⁴ *Idem*, *pasim*.

³⁵ *Ibid.* *pasim*.

momento, teve que disputar com o pesquisador judaico, Abraham Yahuda, diversos papeis, já que o empresário também mantinha interesse no material teológico. O fascínio de Keynes pela teologia e vida newtoniana foi responsável por reconstruir, compilando e preparando para divulgação, grande parte da obra alquímica de Newton, a qual foi doada em 1946 a Cambridge, após a morte de Keynes³⁶.

Quanto à documentação em mãos de Yahuda, grande parte dos temas estavam relacionados às temáticas cronológicas e teológicas vetero-testamentárias, onde Yahuda buscava encontrar um pensamento coeso e fortemente ligado à tradição judaica. Após a morte do estudioso, mediante diversas disputas judiciais, a documentação de Newton foi entregue à Biblioteca Nacional de Israel, sendo disponibilizada aos estudiosos a partir de 1960³⁷.

O impacto que a divulgação desses "novos" documentos teve sobre as visões de estudiosos, sobretudo biógrafos e historiadores de Newton, foi colossal. Frank E. Manuel, em 1970, ao entrar em contato com a documentação de Yahuda, escreveu uma obra seminal sobre a vida de Newton: "A Religião de Isaac Newton", referência em nota onde temos uma grande análise sobre o desenvolvimento religioso e intelectual de Newton e vemos, pela primeira vez, um Newton em sua complexidade, divagando entre os estudos de um mundo natural e da possível ação humana nele, e de um mundo terreno onde a ação divina seria efetiva.³⁸

3.2. A teologia e a filosofia natural de Isaac Newton

É sabido que um dos principais objetivos de Newton ao escrever o seu *Principia Mathematica*, era mostrar que as leis da física revelariam o *design* do universo – e, conseqüentemente, o responsável por ele. Essa afirmação está presente em correspondência trocada entre Newton e Bentley em dezembro de 1692, onde o primeiro revela que

³⁶ MUNBY, A. N. L. The Keynes Collection of the Works of Sir Isaac Newton at King's College, Cambridge. Cambridge, 1950.

³⁷ Idem.

³⁸ MANUEL, F. E. The Religion of Isaac Newton. Oxford: Clarendon Press, 1974.

Quando escrevi o meu tratado sobre o nosso Sistema, eu mantive os olhos voltados para os princípios que poderiam funcionar considerando a crença dos homens em uma Deidade e nada me seria mais agradável do que encontrar um propósito verdadeiro para isso.³⁹

A divulgação dos textos "secundários" de Newton, a partir das décadas de 60 e 70 do século passado, trouxeram um novo espectro onde Newton aparecia como alguém diferente daquele cientista pintado anacronicamente com as cores de um mundo dessacralizado. O legado iluminista de Newton, ainda assim, permaneceu enraizado até muito recentemente, tanto no senso comum quanto na historiografia especializada, e foram os trabalhos de historiadores da ciência, como Stephen Snobelen, que procuraram relacionar a obra física e matemática com o perfil até então relegado de Newton a curiosidades supérfluas e estudos particulares⁴⁰.

A substantiva contribuição de Westfall e sua biografia magistral de Newton foi um grande ponto motriz para o início dos estudos historiográficos revisionistas que, nas palavras de Snobelen, tentavam "devolver Deus a Newton"⁴¹. Outro grande ponto de inflexão nos estudos sobre Isaac Newton surgiu em 1990, quando dois acadêmicos, James E. Force e Richard H. Popkin publicam a obra "*Essays on the Context, Nature and Influence of Isaac Newton's Theology*"⁴². No texto, os autores, impulsionados por uma série de conferências sobre Newton que aconteciam desde 1980, reclamavam a importância da relação entre as visões religiosas e mecânicas de Newton, o que significou um grande marco para a historiografia revisionista posterior, as quais, com a publicação online de boa parte dos manuscritos de Cambridge e da Biblioteca de Israel, estabeleceram um novo paradigma de pesquisa.

Newton não era o único de sua época que estava interessado em estudar uma teologia natural como uma fonte autônoma de conhecimento, mas sim, como corolária do texto bíblico, que por si só já era para demonstrar o projeto divino de mundo. A intenção

³⁹ Carta de Newton a Bentley, enviada em 10 de dezembro de 1692, in HALL, R., TILLING, L. (org.). *The correspondence of Isaac Newton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1959-1977, 3.233.

⁴⁰ SNOBELEN, Stephen. D. "The true frame of Nature: Isaac Newton, heresy and the reformation of natural philosophy". In *Heterodoxy in early modern science and religion*, ed. John Brooke and Ian Maclean. Oxford: Oxford University Press, 2005, pp. 224.

⁴¹ Idem, p. 224.

⁴² FORCE, J., POPKIN, R. *Essays on the Context, Nature and Influence of Isaac Newton's Theology*. *Journal of The History of Philosophy* 30, 1992.

de Newton ao tentar clarificar essa relação por meio de seu *Principia* já foi comentada, mas continua sendo um exercício repetidamente tentado, até por seus discípulos, como William Whiston, que tentou fazer isso em 1728. Na segunda edição do *Principia*, Newton voltou a esse ponto - evidenciando, portanto, a importância que dava a esse tema em suas obras - publicando anexo à obra o seu famoso General Scholium, trecho apologético que busca desvendar, ao leitor, o seu posicionamento acerca de temas relacionados à teologia natural. No Scholium, Newton não só argumenta a favor de um sistema solar cujo "*design* e domínio estão submetidos a um Ser poderoso", como acrescenta que tal sistema é construído "de acordo com um design similar e subordinado ao domínio de *Um*". Newton ainda fez considerações sobre a natureza desse Uno e sobre as atribuições e características de seu poder⁴³.

Os *Principia* não eram a única grande obra de conhecimento público que trata abertamente do argumento de um design divino. Na edição de 1717 da *Opticks*, Newton advogou que

Agora, com a ajuda destes Princípios, todas as coisas materiais parecem ter sido compostas das partículas rígidas e sólidas acima mencionadas, associadas de forma diversa na primeira Criação viabilizada pela ação de um agente inteligente. Este tornou-se aquele que os criou para colocá-los em ordem. E se ele fez isso, não é filosófico procurar qualquer outra Origem do Mundo, ou pretender que este possa surgir de um Caos pela mera Lei da Natureza (...) ⁴⁴

Newton também defenderia o argumento de um *design* inteligente em seus documentos pessoais – sobretudo, nas cartas trocadas com Richard Bentley. O uso da palavra “Deus” é muito raro em boa parte da documentação disponível de Newton, já que o autor sempre prefere utilizar figuras de linguagem como “Ele”, “Criador”, etc. A forte preocupação do autor em identificar a ação divina como força *a priori* do universo, responsável também pelo seu *design*, não significa que essas interpolações textuais, feitas geralmente em edições secundárias dos seus textos públicos, tivessem um caráter somente legitimador frente às regras de publicação e aceitação dentro do meio acadêmico e social inglês do século XVII. Pelo contrário, tais ações indicam uma tentativa de Newton de

⁴³ Ibid. p. 228.

⁴⁴ Ibid. p. 229, tradução nossa

reforçar a presença de um Criador nos eixos da História e do mundo, e o estudo das Leis da Natureza serve como apoio para a reafirmação de uma realidade divina – que diferentemente do que se pensou por muito tempo, tem, com efeito, poder e ação nos rumos da história, presença que pode ser lida através dos testemunhos proféticos de Daniel e dos outros profetas do Antigo Testamento.

Newton, assim como outros de sua época, professava o que compreendemos como uma filosofia natural cristã⁴⁵, onde uma cosmologia universal sobre o mundo e as leis que o regem eram aliadas aos textos da Escritura; desse modo, Newton e seus contemporâneos viam o mundo e seu Criador de acordo com a doutrina dos “dois livros”, onde o Livro da Natureza revelava as estruturas de funcionamento do universo – mas também, a ação de seu Criador – e no Livro das Escrituras, Deus se revelava também. Para Newton, a Verdade, seja aquela revelada pelas Escrituras ou pelo estudo da natureza, era única pois derivaria da perfeição de Deus.

A teologia de Newton se relaciona com sua vida de experimentações na medida em que, a experiência em si promove uma descoberta – e essa descoberta é uma chave para melhor conhecer e servir a Deus. Nessa perspectiva, o caráter experimental de Newton recebe apoio de uma forte convicção cristã que, de forma motivadora, permitia que o nosso personagem se dedicasse incansavelmente às experimentações repetitivas – está aí a origem do método indutivo newtoniano. A crença em uma ordem estrutural promulgada pela autoridade divina e na capacidade humana de conhece-la, cria um parâmetro moral para a filosofia experimental de Newton.

Dentro dessa filosofia experimental, há de se considerar o caráter dual das formas de expressão da natureza divina. Newton, como um cristão praticante, acreditava poder conhecer e compilar as estruturas do *design* divino e, ao mesmo tempo, poder entender a mensagem de Deus por meio de uma interpretação bíblica que se aproximava, em seu método comparativo, ao método indutivo dos processos de conhecimento das Leis da Natureza⁴⁶. Se por meio de processos racionais e de uma metodologia específica é possível compreender o mundo em si, essas técnicas podem ser utilizadas para interpretar,

⁴⁵ Idem

⁴⁶ Ibid. p. 233

também, o outro Livro – e aqui Newton aparece como um autor interessado em sistematizar um método de interpretação profética.

A consciência religiosa de Newton teve início antes que o seu interesse pela filosofia natural se manifestasse, embora ambos tivessem começado cedo. Ele cresceu em um mundo protestante que via a Bíblia como um foco principal; a fé protestante e a Palavra de Deus também foram centrais para a sua educação na década de 1650. Também é possível que, no começo, ele lera os livros teológicos que seu padrasto, o Reverendo Barnabas Smith, deixou após sua morte em 1653. Quatro dos dez livros que sabemos que Newton comprou em 1661, ano de sua matrícula no Trinity College de Cambridge, eram sobre teologia⁴⁷. Ainda jovem, Newton compilou uma lista dos pecados que cometeu até 1662. Isso atesta a religiosa sensibilidade austera do autor⁴⁸.

Mas nada disso é particularmente excepcional para o tempo em que Newton viveu. O que foi excepcional em Newton foi sua rápida guinada de um currículo básico voltado para escolástica clássica para uma enérgica e apaixonada exploração, em seus anos de graduação, dos autores modernos como Descartes, Galileu, Boyle, More e outros e de seu amplo esforço em fazer considerações teológicas a respeito da natureza divina, da história do Cristianismo e da exegética bíblica⁴⁹.

3.3. A heterodoxia religiosa de Newton

Sendo uma importante figura pública na maior parte de sua vida, Isaac Newton dificilmente pode expressar com precisão as suas crenças e motivações religiosas. A reconstrução dessa faceta de Newton ainda é, sem dúvidas, um objeto que alimentou e alimentará as gerações de historiadores mais recentes. Snobelen, um dos pioneiros do revisionismo historiográfico sobre a religião de Newton compara-o a Nicodemos⁵⁰, discípulo secreto de Jesus: suas descrenças e dúvidas religiosas nunca puderam, de fato,

⁴⁷ WESTFALL, Richard. *A Vida de Isaac Newton*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 83, 309-310

⁴⁸ Idem, p. 89.

⁴⁹ Ibid. p. 83.

⁵⁰ A comparação tem como base o diálogo entre Jesus Cristo e Nicodemos em Jo 3: 1-21. Nicodemos, descrente, questiona Jesus sobre o significado da ressurreição.

ser expostas⁵¹. Este autor defende que, no contexto anglicano da época, ser declarado como herege era uma das piores sinas que um homem poderia carregar: ser religiosamente subversivo, socialmente perigoso e até moralmente degradado⁵². William Whiston, seguidor mais próximo de Newton e participante de seu círculo íntimo definiu bem a complexa situação do pensador – a política de silêncio de Newton se deve ao simples medo humano⁵³.

Havia, em Newton, um desejo profundo de reformar o pensamento moderno através da compreensão dos dois livros – o Livro da Natureza e o Livro das Escrituras – e em sua empreitada filosófica, o pensador criou estratégias para criar um *modus vivendi* que o permitisse viver dentro de estruturas jurídicas e sociais ao mesmo tempo em que a sua agenda reformista ganhasse espaço e reconhecimento⁵⁴. Ainda assim, é equivocado simplesmente facilitar respostas para a complexa relação de Newton com a religião – enquanto uma historiografia aproxima-o da heresia ou de um protodeísmo, geralmente influenciada pelas lentes do iluminismo francês e de Voltaire⁵⁵, onde Newton foi retalhado de forma curiosa para se adaptar aos padrões de um *philosophe*, a própria historiografia britânica, política em um contexto nacionalista, aproximou forçosamente Newton de um anglicanismo de cunho identitário, criando uma mitologia acerca do pensador inglês – a biografia de Brewster é um bom exemplo disso⁵⁶.

O meticuloso trabalho de Westfall e Snobelen mostra que, ao nos depararmos com a biblioteca de Newton e de seus interlocutores – as bibliotecas de Clarke e Locke, por exemplo -, é possível que consideremos uma grande influência do socianismo como doutrina de interesse a Newton e, evidentemente, que esses ideais doutrinários tenham um peso bastante relevante nas considerações escritas por Newton acerca da religião, do trinitarismo e do sistema credal da Igreja. Socianismo ou Socinianismo são as denominações dadas às crenças dos socinianos, seguidores de Fausto Socino (falecido na Polônia, em 1604), que desenvolveu sua teologia inspirada em seu tio Lélío Socino (morto em 1562, em Zurique). A Doutrina Sociniana é antitrinitária e considera que em Deus há

⁵¹ SNOBELEN, S. Isaac Newton, heretic: the strategies of a Nicodemite. BJHS, 1999, n° 32, p. 381.

⁵² Idem

⁵³ Ibid. p. 381

⁵⁴ Cf. p. 25

⁵⁵ Ver CASINI, Paolo. Newton e a consciência europeia. São Paulo: UNESP, 1995.

⁵⁶ BREWSTER, D. Memoirs of the Life, Writings, and Discoveries of Sir Isaac Newton, 2 vols., Edinburgh, 1855, ii, 339–41.

uma única pessoa e que Jesus de Nazaré é um homem. Acreditavam que a Bíblia era a única autoridade, devendo ser interpretada pela razão; criam na Unidade, eternidade, onipotência, justiça e sabedoria de Deus (negando a Trindade), e somente a razão é capaz de compreender Deus para a salvação humana, mas sua imensidão, onipresença e ser infinito estão além da compreensão humana.

Um dos paralelos mais fortes entre Newton e a doutrina sociniana está na cristologia do primeiro – negando a Trindade, Newton definitivamente não se dedicou, em seus estudos, a escrever sobre Cristo; a união do Pai e do Filho é moral, e não metafísica ou substancial⁵⁷. Suas análises exegéticas estão sempre focadas num passado onde o cristianismo, em sua essência primitiva, não havia sido corrompido pelo dogmatismo do homem.

A corrupção das escrituras sagradas é um dos temas que mais motivam Newton a fazer considerações sobre a religião, alegando, desde 1670, quando escreveu os primeiros rascunhos de *Two Notable Corruptions of Scripture* que a verdadeira religião é pura e simples, e a apostasia profetizada nas Escrituras ajudou a corromper as estruturas dessa religião quando colocou-a em contato com a filosofia grega, a metafísica e o dogmatismo⁵⁸, além da corrupção da linguagem – *novitas verborum*. Assim como no sistema doutrinário dos poloneses, Newton atribuiu, em seus manuscritos, grande importância a trechos bíblicos que podem ser compreendidos como antitrinitários e defensores de um credo *diretamente* a um único Deus, lugar comum na crença sociniana. Por exemplo, lemos em 1 Cr 8: 4-6:

Assim, pois, quanto ao comer das carnes imoladas aos ídolos, sabemos que não existem realmente ídolos no mundo e que não há outro Deus, senão um só.

Pretende-se, é verdade, que existam outros deuses, quer no céu quer na terra {e há um bom número desses deuses e senhores}.

Mas, para nós, há um só Deus, o Pai, do qual procedem todas as coisas e para o qual existimos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem todas as coisas existem e nós também.

⁵⁷ SNOBELEN, S., op. cit., p. 386.

⁵⁸ Idem

O paralelo doutrinal entre os socianos e Newton vai além da questão trinitológica. É eficaz, por exemplo, quando comparamos a discussão sociana sobre a imortalidade da alma com os documentos de Newton⁵⁹. Ambos criam que a imortalidade da alma em um tempo presente, com a subida aos céus após uma vida de bons atos, também era algo inventado pelos corruptores do texto sagrado, já que, em ambos os esquemas interpretativos, a alma só alcançaria algo como a imortalidade após os acontecimentos apocalípticos. Assim como os socianistas, Newton não acreditava em uma danação eterna no inferno após uma vida pecaminosa – os símbolos proféticos que faziam alusão ao Diabo nos textos apocalípticos, portanto, ganharam outros contornos nas obras de Newton. Além disso, Newton compartilhava a ideia de que o batismo e a comunhão tinham um sentido estritamente simbólico, resguardando os seus valores dogmáticos e metafísicos.

Apesar de sua influência no mundo intelectual de sua época, Snobelen não nota nenhum grande esforço de Newton em pôr em prática o seu plano reformista. É válido dizer que "reforma", nesse sentido, deve ser compreendido como um "retorno às origens": a busca em religar o mundo à sua religião reformada era o que impulsionava a fé de Newton⁶⁰, mas ao mesmo tempo, um cuidado em não perder sua distinção social frente às críticas da ortodoxia era o principal motivo para que Newton guardasse suas crenças em segredo.⁶¹

Para Newton, a revelação das corrupções das Escrituras Sagradas deveria circular apenas entre "homens sábios", já que fora a esquemática intervenção humana que corrompeu a fé. Newton também acreditava que a revelação da Verdade Divina ocorria por meio de profecias, e entender a linguagem profética do texto bíblico não era um processo de conversão, mas sim, algo que só iniciados e sábios poderiam ter acesso. Observa-se – certa alusão de Newton e de seus contemporâneos intérpretes de profecias à figura bíblica dos sábios visionários como Daniel⁶².

⁵⁹ FORCE, J. E. Force, 'The God of Abraham and Isaac (Newton)', in *The Books of Nature and Scripture* (ed. J. E. Force and R. H. Popkin), Dordrecht, 1994, 179–200.

⁶⁰ SNOBELEN, S. op. cit. p. 391

⁶¹ SNOBELEN, S. Idem.

⁶² Idem

Ademais, a exegese bíblica newtoniana diferia fortemente daquelas consideradas ortodoxas: sua desconsideração pelo trinitarismo fazia com que sua leitura de textos como Daniel e o Apocalipse não identificasse, em seu tempo presente, os sinais para um fim em que a vinda do Cristo seria inevitável e imediata. Os sinais providenciais existem no tempo presente e o futuro é escatologicamente desenhado – e Newton tentou enxergar os traços desse rascunho. Não existiria uma possibilidade real, baseada na leitura bíblica, do mundo acabar no tempo de vida de Newton. Para ele, o tempo cronologicamente calculado traria ainda mais degenerações e corrupções morais, e a data do apocalipse estaria incerta, mas não ocorreria antes de 2060⁶³.

Enredado em tramas contemporâneas do final do século XVII que traziam, no ambiente anglicano, seitas doutrinárias que criticavam dogmas importantes da cristandade ocidental – como a Trindade, a realidade metafísica do batismo e da comunhão e a crença no céu e inferno – Newton enveredou-se por tradições teológicas que não tinham nada de ortodoxas. Além disso, o pensador desenvolveria um método de compreensão do texto profético baseado nos modelos arquetípicos deixados por um grande teólogo que viveu no início do século XVII, Joseph Mede.

3.4. A Consciência religiosa inglesa e o milenarismo

A Reforma Protestante suscitou diversos debates teológicos por toda a Europa. De uma forma não menos sutil, a insatisfação com a Igreja Católica e o surgimento da cultura impressa nesta época foram também as forças motrizes para o aperfeiçoamento dos estudos de hermenêutica bíblica⁶⁴. O pensamento apocalíptico inglês estava presente como prática e retórica entre os grupos puritanos das décadas de 1640 e 1650, que adotavam o discurso apocalíptico em suas empreitadas políticas. Uma historiografia mais antiga, como a de Christopher Hill, de viés dialético e marxista, defende que, com a maré crescente de agitação social iniciada na era Tudor, o pensamento apocalíptico teve seu clímax nos anos caóticos da Revolução Puritana sob os Stuarts. Nessa perspectiva, com

⁶³ Ibid. p. 396

⁶⁴ Para a cultura impressa como agente transformadora da história, conferir EISENSTEIN, Elizabeth. *Revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna*. São Paulo: Ática, 1998. 320p.

o fim da revolução e a restauração monárquica, o pensamento apocalíptico se esmaeceu após 1660.⁶⁵ Christopher Hill endossa essa perspectiva em seu estudo sobre o mito do Anticristo na Época Moderna:

Ao tentar tirar conclusões, meus primeiros problemas são explicar a rápida e caleidoscópica evolução do conteúdo do mito do Anticristo, culminando nos anos 1640 e 1650; secundariamente, explicar o seu rápido desaparecimento após 1660⁶⁶.

A partir dos anos 80, a tradição historiográfica foi confrontada com leituras que valorizavam o peso cultural, social e religioso e não se apoiavam apenas na interpretação marxista das guerras civis inglesas. Estudos mostram que, no final do século XVII e no começo do século XVIII, os impérios de Daniel, por exemplo, ainda eram campos de interesse debatidos exaustivamente entre os intelectuais ingleses.⁶⁷ Dentre esses historiadores do movimento revisionista sobre o milenarismo britânico está o holandês Jeffrey K. Jue.⁶⁸

Ambas as perspectivas, no entanto, apontam que o pensamento apocalíptico ganha força em momentos de crise política e social. Dessa forma, a visão milenarista e a interpretação das profecias presentes no manual de interpretação bíblica de Joseph Mede (1586-1639) consagraram-se no meio dos estudiosos e se tornaram-se grandes influências para seguidores como Thomas Goodwin, Pierre Jurieu e, claro, Isaac Newton.

Mede teve grande importância no cenário religioso e político da Inglaterra durante os séculos XVI-XVIII. Sua interpretação milenarista tomou forma após longos anos de estudo bíblico dentro de uma perspectiva protestante. O teólogo foi objeto de estudo de Jeffrey Jue em *Heaven Upon Earth: Joseph Mede (1586-1638) and the Legacy of the Millenarianism*, livro de 2006 que reivindica a importância do pensamento milenarista de Mede para vários autores europeus posteriores, dentre eles Newton. Seguindo uma perspectiva revisionista, o livro de Jue tenta desvincular os discursos religiosos sobre o Milênio e o Apocalipse do contexto revolucionário na Inglaterra, bem como tentou

⁶⁵ JUE, J. op cit. p. 141-142.

⁶⁶ HILL, Christopher. *Antichrist in Seventeenth-Century England*. Londres: Verso. p. 154. (tradução nossa)

⁶⁷ JUE, J. op. cit. p. 141.

⁶⁸ Ver JUE, Jeffrey K. *An English Millenarian Legacy*. In: JUE, Jeffrey K. *Heaven Upon Earth: Joseph Mede (1586-1638) and the Legacy of Millenarianism*. Países Baixos: Springer, 2006. cap. 8, p. 141-175.

dissociar as perspectivas escatológicas de uma suposta motivação para o processo colonizador da América do Norte⁶⁹.

Nessa visão, o milenarismo consagra-se como um tema que não está relacionado diretamente ao uso político de seitas religiosas puritanas – ainda que tenha acontecido inúmeras vezes – mas também é interesse intelectual para diversos acadêmicos durante os séculos XVII e XVIII também, afastando a relação entre radicalismo e Apocalipse defendida por Hill, por exemplo⁷⁰. Mesmo com o fim das Guerras Civis, o fim do milênio continuaria a alimentar climas de opinião até o século XVIII.

A publicação da grande obra de Joseph Mede, *Clavis Apocalyptica*, se deu em 1627, o mesmo ano em que Johann Heinrich Alsted publicava a sua obra de vertente milenarista, a *Diatribes de Mille Annos*. O milenarismo era a concepção escatológica mais popular em diversos países da Europa, ainda que fosse considerada como uma posição herética pelos ortodoxos. Ela podia ser compreendida como uma análise sobre as profecias bíblicas que identifica no futuro o início de um reino de Cristo, o qual seria marcado por mil anos de felicidade, antes da derradeira vitória de Jesus sobre o Demônio⁷¹. O simbolismo do Anticristo, vale frisar, foi adotado por grupos religiosos e políticos ao longo do século XVII – ainda que Mede não fosse um revolucionário – e a retórica milenarista reforçou projetos ideológicos e a criação de inimigos em conflitos religiosos.

Na *Clavis*, Mede,

“Baseando-se nos escritos dos primórdios do cristianismo, [Mede] caracterizou o Milênio como uma profecia a ser interpretada literalmente e não mais espiritualmente. Assim, para ele, a ressurreição prevista na Bíblia seria corporal. Além disso, Joseph Mede também se apoiou em estudos do judaísmo. Desta maneira, concentrando diversas influências, Mede entendia que o retorno de Cristo representava a queda do Anticristo e um milhão de anos de perfeição e felicidade, até o Dia do Julgamento, quando ocorreria uma batalha contra os exércitos

⁶⁹ LIMA, V. C. O Milenarismo de Joseph Mede. In Cadernos de Clio. Curitiba: n° 03, 2012.

⁷⁰ HILL, Christopher. Antichrist in Seventeenth-Century England. Londres: Verso.

⁷¹ LIMA, V. C. op. cit. p. 335.

demoníacos (Mag e Magog) e, posteriormente, se daria a ressurreição universal.⁷²”

A perspectiva milenarista de Mede estava fortemente cristalizada em seus escritos a partir da segunda edição da *Clavis*, em 1632. Em seu método para decodificar os escritos bíblicos, Mede buscou trabalhar com uma cronologia das monarquias de Daniel. Além disso, ele sincronizou as profecias de I Timóteo, Daniel e Apocalipse, seguindo o princípio protestante da *analogia fidei*. Foi este sincronismo – que concebeu as três profecias como ideias sobre um mesmo evento – que o aproximou do milenarismo⁷³.

Na visão de Daniel, quatro reinos sucessivos são retratados na imagem da estátua (Daniel 2) e das quatro bestas (Daniel 7). Mede argumentou que ambas as visões compartilham o mesmo referente e representou quatro impérios sucessivos começando no tempo de Daniel e continuando na era de Mede. Para Mede, a intenção de toda a profecia era "apontar o tempo do Reino de Cristo, onde nenhum outro Reino deverá ter sucesso ou destruí-lo."⁷⁴ O Reino de Cristo seria precedido pelos reinos babilônico, persa, grego e romano". A imagem de barro e a quarta besta romana em Daniel 7 seriam alusões tanto ao Império romano pagão como também ao Império Romano eclesiástico - representado pelo pequeno chifre (Daniel 7:8). Mede identificou uma transição no início do século V quando a Roma pagã termina e começa a Roma eclesiástica – ou seja, quando o cristianismo começa a ganhar a forma institucional da Igreja de Roma. De forma esquematizada, para Mede:

1. A cabeça de ouro (Dn 2:38) e o Leão com asas de águia (Dn 7:4) → Primeiro Reinado (Babilônia);
2. Peito e braços de prata (Dn 2:39) e o Urso (Dn 7:5) → Segundo Reinado (Pérsia);
3. Ventre e coxas de bronze (2:39) e o Animal semelhante a um Leopardo → Terceiro Reinado (Grécia);
4. Pernas de Ferro (2:40) e a Besta com dez chifres (Dn 7:8) → Roma pagã e eclesiástica.

⁷² Idem, p. 336-337.

⁷³ Idem.

⁷⁴ JUE, Jeffrey, op. cit. p. 145

Com esta interpretação, Mede revelou seu apoio a uma visão protestante de identificação do papado como uma entidade anticristã, porque durante o final período do quarto reino, um quinto reino (representado pela pedra em Daniel 2) apareceria e, finalmente, destruiria o quarto reino. Este quinto reino será o reino de Cristo representado pela pedra que será criada durante o quarto reino (o cristianismo, que nasce durante o domínio romano). Assim, o reino de Cristo seria realizado em duas fases, um começando em sua primeira vinda e a outra em seu segundo advento. Da mesma forma, a visão da quarta besta de Daniel foi sincronizada com a visão das bestas no Apocalipse (Ap 13:28). Embora as imagens sejam ligeiramente diferentes, Mede insistiu em que eles são "uma mesma Besta". A relação entre as visões de Daniel e as visões do Apocalipse foram um componente essencial para a fundamentação do milenarismo de Mede, já que o peso da vinda de Cristo no Livro da Revelação, e toda a sua significância escatológica, são interpretadas também, para Mede, através das visões de Daniel⁷⁵.

O papado representou o cumprimento dessas profecias, uma vez que muitas das práticas da Igreja Católica Romana foram consideradas como blasfêmias e apostasias. Nessa linha de raciocínio, a Igreja Católica de Roma tem uma herança direta com o antigo Império Romano pagão, e suas heresias estão justamente no contato com esse paganismo e na ressignificação destes para um dogmatismo cristão – sobretudo naquilo que fortalece a Igreja politicamente⁷⁶.

⁷⁵ Idem, p. 149-150.

⁷⁶ Ibidem, p. 151.

4. PROFECIA

4.1. Sobre a estrutura do *Observations*

Em *Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St John* (1733), Newton relata sua interpretação bíblica em forma de crônica, na qual a estrutura do texto remete às crônicas históricas medievais e aos historiadores da antiguidade que são fartamente mencionados. Benjamin Smith organizou os rascunhos de Newton em duas partes, sendo a primeira, mais extensa, dedicada ao livro de Daniel, e a segunda, ao Apocalipse de São João.

A primeira parte é bastante detalhada e contém catorze capítulos que dão um panorama histórico dos dias do estabelecimento e compilação das Escrituras Hebraicas durante a restauração do Templo no reinado de Josias⁷⁷ até os dias de Newton⁷⁸. Contém, no segundo capítulo, algumas instruções sobre a interpretação da linguagem profética: Newton defende que a Bíblia é escrita metaforicamente e por meio das analogias presentes no texto sagrado se é possível compreender a palavra de Deus como instruções da história terrena⁷⁹.

Newton elucida o *modus operandi* da profecia em seu documento: o profeta, ou visionário, acessa a informação da profecia por meio de um sonho; pela sua sapiência, este consegue decifrá-lo. É esta a narrativa que ocorre nas duas visões proféticas do livro de Daniel. Newton segue o esquema de Mede, defendendo que ambas as visões presentes em Daniel 2 e Daniel 7 (a estátua de Nabucodonosor e as quatro bestas) significam a mesma coisa.

O quinto reinado, portanto, na visão de ambos os autores, é o verdadeiro reino de Cristo, e é ele o único capaz de sobrepujar a corrupção trazida pelas apostasias e blasfêmias vindas daquela que é a sucessora natural do quarto reinado: a Igreja Católica Romana. A ascensão desta como a grande instituição sacro-temporal do ocidente, mantenedora dos resquícios políticos romanos, e uma crítica de viés protestante ao poder

⁷⁷ 2 Cr, 24

⁷⁸ NEWTON, Isaac. *Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John*. Londres: 1733. Cap. I

⁷⁹ *Ibid.* Cap. II

papal sobressaem nessa tradição interpretativa. O significado final da profecia, portanto, é escatológico: nos dias do juízo final, o verdadeiro reino de Deus surgirá na Terra e acabará com todas as profanações e falsas religiões. A crítica à Igreja Católica se torna mais evidente na interpretação da segunda profecia de Daniel, na qual o décimo primeiro chifre da última besta (que representa Roma) é compreendido como a Igreja Católica, vista pela tradição protestante como a representação do Anticristo. Nas palavras de Mede, o chifre é a continuidade do Império Romano pagão, tornado agora eclesiástico: “Estes são os Reis, substituídos (ou, como ouvido na língua vulgar) humilhados e usurpados pelo Papa que, gradualmente, avançou para o auge da Majestade Temporal e Grandeza Absoluta, o que o fez ser tão terrível no mundo”.⁸⁰ Nas palavras de Newton, o décimo primeiro chifre tem um peso ainda maior, pois:

[...] o pequeno chifre é um pequeno reino. Era um chifre da quarta Besta e arrancou três dos primitivos. Por isso devemos procurá-los entre as nações do Império Latino, depois do aparecimento dos dez chifres. Mas era um reino com um rei diferente dos outros, tendo uma vida ou alma que lhe era peculiar, caracterizada com tendo olhos e boca. Por seus olhos era, portanto, um Vidente, e por sua boca, falando insolências e mudando os tempos e as leis, era ao mesmo tempo um profeta e um rei. Tal vidente, profeta e rei é a Igreja de Roma.⁸¹

Newton vai além em sua descrição cronológica da sucessão de reinos e inclui, com base em inúmeros historiadores latinos e cronistas medievais, dez reinos bárbaros que são cristianizados pouco a pouco pela Igreja de Roma ou que apresentaram grande problema à ordem institucional da Igreja. São eles, em ordem cronológica e sucessiva:

1. Os Alanos e Vândalos
2. Os Suevos
3. Os Visigodos
4. Os Alanos

⁸⁰ JUE, Jeffrey K. *An English Millenarian Legacy*. In: JUE, Jeffrey K. *Heaven Upon Earth: Joseph Mede (1586-1638) and the Legacy of Millenarianism*. Países Baixos: Springer, 2006. cap. 8, p. 145. (tradução nossa)

⁸¹ NEWTON, Isaac. *Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John*. Londres: 1733. cap. VII. (tradução nossa)

5. Os Burgúndios

6. Os Francos

7. Os Bretões

8. Os Hunos

9. Os Lombardos

10. Os Ravenos

Carlos Magno e suas investidas e alianças com a Igreja simbolicamente são ponto crucial na narrativa de Newton. Os olhos e chifres da última Besta são, respectivamente, acontecimentos históricos que envolvem o processo de secularização da Igreja como instituição dominante: a doação de Constantino, o exarcado de Ravena e, finalmente, a admissão do poder temporal pelo papado com Carlos Magno e Gregório I.⁸² Ambas as profecias de Daniel, nesta tradição interpretativa, são sincrônicas às quatro bestas do Apocalipse. Johann Sleidan, teólogo alemão e outra inspiração de Newton, também trabalhara a ideia dos quatro reinos de Daniel como uma teoria da história onde o mundo e a história estão em declínio.⁸³ O esforço em concentrar na exegese bíblica uma integração entre o passado bíblico e o presente do intérprete é característico desse tipo de visão interpretativa historicista.

A vinda do Milênio tem uma função muito importante nesta tradição, pois é nele onde se compreende completamente o significado dos símbolos proféticos e tem-se finalmente a ascensão da religião verdadeira. No contexto inglês da Época Moderna, alguns autores posteriores a Mede discutiram a sua chave interpretativa, enfatizando que os acontecimentos proféticos já haviam acontecido no passado. Dentre eles, destacavam-se Hugo Grotius, que, rejeitando o consenso protestante de identificar o papado como o Anticristo de Apocalipse 13, viu a consolidação desta profecia já no tempo de Constantino, onde os chifres assumiriam a posição de lideranças romanas⁸⁴. Outros autores, como Henry More, procuraram rejeitar a imagem anti-papal da tradição de Mede alegando que o verdadeiro cristão deve demonstrar um “sincero amor à Cristandade e ao

⁸² Idem, Cap. VIII

⁸³ De quatuor imperiis summis (1556).

⁸⁴ JUE, J. op cit. p. 153

ser humano”⁸⁵. Há ainda nomes como Pierre Jurieu, francês que procura adaptar o sincronismo das profecias de Mede à própria realidade política de seu país⁸⁶. Isaac Newton e o newtoniano William Whiston são os grandes continuadores do pensamento de Mede nas polêmicas milenaristas do século XVII e XVIII.

4.2. A hermenêutica de Newton

Newton inova no método interpretativo ao acrescentar à narrativa sincrônica de Mede um processo de *indução*, onde a observação repetitiva e comparação hermenêutica de diversos trechos da Bíblia, contando também com uma atenção especial e comparativa às antigas cronologias, o permitem decifrar o código das profecias de Daniel. O que mais fascinava Newton nas profecias não era simplesmente a sucessão dos reinos ou fazer uma propaganda anti-papal: sua intenção principal, ao estudar as profecias bíblicas, era perceber a evidência de um Deus que existe e providência a história do mundo⁸⁷.

Na década de 1670 Newton começou seus estudos em profecia e cronologia da Bíblia. ⁸⁸ Com base nas profecias de Daniel, bem como em outras fontes astronômicas antigas e extra-bíblicas, Newton tentou construir a cronologia e a história dos impérios antigos. Seus trabalhos demonstraram particularmente que, de fato, o quarto reino de Daniel era o Império Romano.⁸⁹ Além disso, este reino incluía um elemento secular e eclesiástico, com o império eclesiástico introduzindo as atrocidades religiosas do Anticristo, como a adoração de imagens:

A invocação dos mortos e a veneração de suas imagens [como sendo a de santos] tinham sido introduzidas gradativamente nos séculos IV a VII. Contra a adoração de imagens declarou-se Filípico, Imperador Grego, já em 711 ou 712. E, para pôr fim a isto, o Imperador Leo Isaurus (Leão III) convocou uma assembléia de Conselheiros e Bispos no seu palácio, em 726; a mesma recomendou então um Édito contra a adoração das imagens e enviou uma carta ao Papa Gregório II, pedindo

⁸⁵ Idem, p. 162

⁸⁶ Ibidem, p. 168

⁸⁷ NEWTON, I. *Observations*, cap. III (parte II)

⁸⁸ MANUEL, F. E. *The Religion of Isaac Newton*, p. 92.

⁸⁹ NEWTON, I. *Observations*, p. 24-25.

a convocação de um Concílio em Roma, conforme citado por Sigonius em “De Regno Italiae, ad Ann. 726”. Em consequência disto, este Papa convocou um Concílio em Roma, porém, ao contrário do esperado, CONFIRMOU A ADORAÇÃO DAS IMAGENS [...]”⁹⁰

Como resultado de suas investigações cronológicas e da influência de Mede, Newton adereçou a quarta Besta de Daniel com o império romano pagão e eclesiástico, representado pela Igreja, que recebe, do dragão apocalíptico (Ap 13:2)⁹¹, o poder, o trono e a grande autoridade, numa data por volta de 395 d.C.⁹².

O esquema de Mede, finalmente, é atualizado por Newton para a sua própria época. Este último, utilizando a sincronia do método de Mede, iguala a última besta de Daniel às bestas do livro de Apocalipse⁹³. A descrição mais detalhada do Império Romano no livro do Apocalipse de São João é justificada pela menor distância entre o tempo de criação do livro e o próprio tempo de Newton. O inglês identifica nas bestas o Império Romano de origem pagã e sob tutela eclesiástica, e a segunda besta de Apocalipse 13, para Newton, é concebida como a Igreja Ortodoxa do Oriente, representação espelhada da corrupção da herança cristã. E sua contraparte, a Igreja Romana do Ocidente, representação do Anticristo que marca os servos com sua marca, 666, é a primeira Besta, herdeira direta de Roma e da história providencial de Deus, último reino de Daniel. Newton traça um paralelo entre a quarta Besta de Daniel e Ap 13 e a Besta de Ap 17:

E, pela última divisão, no ano de 395, entre os filhos de Teodósio, (13:2) "o dragão deu-lhe sua força, e seu trono e grande autoridade". E os dez chifres receberam poder como se fossem reis, ao mesmo tempo que a Besta. (13:1 e 17:12). [...] A segunda Besta (13:11) "que subia da terra" era a igreja do Império Grego, pois "que tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro", sendo assim a sua igreja (devido a alusão ao cordeiro); mas "falava como o dragão", isto é, era de sua religião.”⁹⁴

⁹⁰ Ibid. p. 77, grifo do autor.

⁹¹ “E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.”

⁹² NEWTON, I. *Observations*, p. 280.

⁹³ Ap 13 e Ap 17

⁹⁴ NEWTON, I. *Observations*, p. 280

Além disso, Newton associa as metáforas de Apocalipse 13 com a prostituta descrita em Apocalipse 17. O inglês também estabelece um novo significado aos dez chifres da besta de Apocalipse 13 – são os reinos listados como “subjugados” pelo poderio do cristianismo ao longo da história⁹⁵:

E os dez chifres receberam poder como se fossem reis, ao mesmo tempo que a Besta. (13:1 e 17:12). Por fim a mulher chega ao lugar de seu predomínio, assim temporal como espiritual, montada na Besta; e aí (12:14) "é sustentada por um tempo e por tempos, e por metade de um tempo, fora da presença da serpente". Ela é alimentada pelos mercadores da terra, durante três tempos e meio, ou três anos e meio, ou 42 meses, ou 1260 dias. E nesta Profecia os dias representam anos. Durante todo esse tempo, a Besta agia sentada sobre ele, isto é, reinou sobre ele e sobre os dez Reis que lhe deram seu poder e sua força, ou ainda, por outras palavras, que deram os seus Reinos à Besta. E estava "embriagada do sangue dos santos" (17:6). Por todas estas coisas, ela (Mulher, ou Besta) corresponde ao décimo primeiro chifre da quarta Besta de Daniel, (cf. Daniel 7:20) que reinou com "uma boca que falava com insolência e cujo olhar era mais intrépido que o de seus companheiros" [...]"⁹⁶.

Como outros teólogos, filósofos e pensadores contemporâneos e anteriores, Newton levava em conta, na sua análise exegética, a doutrina da acomodação. A doutrina da acomodação é um conceito teológico ligado à ideia cristã de revelação. A doutrina afirma que Deus, cujo ser é, de certa maneira, incognoscível, acomoda-se aos limites da linguagem humana de tal forma que possa ser compreendido pelos seres humanos. Chama-se de antropomorfismo essa forma de pensamento que atribui características ou aspectos humanos a Deus. Dessa forma, o ser humano pode se relacionar com Ele de maneira mais clara. Entretanto, não quer dizer, absolutamente, que Deus tenha forma humana.

Dessa forma, Newton identifica a propensão na linguagem humana para criar hipóteses, personificar e substancialmente causar abstrações. O dragão do Apocalipse é uma disposição, um *arquetipo*, um símbolo, não um ser vivo. A morte é uma condição,

⁹⁵ Cf. p. 38-39

⁹⁶ NEWTON, I. op. cit. p. 75.

não é algo substancial. Usar essa linguagem é normal; afinal, as interpretações nunca alcançarão a autoridade do texto bíblico. O que há de errado é ler esta linguagem erroneamente de uma maneira excessivamente literal ou irredutível. A linguagem aponta para personagens (o figurativo), não personalidades reais (o literal). O leitor e o crente astuto reconhecerão estes aspectos cruciais para uma boa leitura do texto Sagrado⁹⁷.

Um dos pilares da hermenêutica acomodacionista de Newton é a crença de que a Bíblia é escrita principalmente para pessoas comuns e simples. Em um manuscrito, Newton argumenta que o Antigo Testamento deve ser o guia para a compreensão do texto bíblico:

Então, para entender esses nomes de Cristo, devemos recorrer ao Antigo Testamento e ter cuidado com a vã Filosofia. Cristo enviou seus apóstolos não para ensinar Metafísica e Filosofia ao homem comum, e para suas esposas e filhos; mas para ensinar o que ele lhes ensinou de Moisés, e dos profetas e salmos sobre ele.⁹⁸

À sua maneira, Newton relacionava a sua recusa pelo dogma da Trindade com a corrupção da linguagem bíblica pela relação desta com a filosofia grega e de suas crenças, já que para ele, o texto sagrado, sobretudo aquele do Novo Testamento, é destinado a informar os homens mais simples e não-educados. Ao homem educado, como ele e seus contemporâneos, o texto bíblico pode apresentar mais camadas de significado, representado principalmente pela linguagem profética do Antigo e do Novo Testamento. Resta a esses homens iluminados desvendar a verdadeira interpretação das mensagens codificadas por Deus numa linguagem profética, simples e repleta de analogias que são decifradas pelo estudo da História do Cristianismo Primitivo e dos símbolos de diversas culturas antigas. É dessa maneira que o homem sábio se afasta das corrupções e apostasias oferecidas pela Igreja institucionalizada e se aproxima da fé verdadeira⁹⁹.

⁹⁷ SNOBELEN, S.. In the language of men: the hermeneutics of accommodation in the Scientific Revolution..In *Interpreting Nature and Scripture in the Abrahamic Religions: History of a Dialogue*, ed. Jitse M. van der Meer and Scott H. Mandelbrote. Vol. 1. Leiden: Brill, 2008, pp. 691-732

⁹⁸ NEWTON, I. *Quaestiones*, p. 258

⁹⁹ Idem, p. 504.

5. CONCLUSÕES

Newton era um homem de fé, reformista, mas de interesses heterodoxos; sua imagem pública rapidamente poderia ser ostracizada com alegações de heresia se suas crenças fossem à tona. Mesmo assim, o contingente documental e a devoção com que Newton escrevia e defendia seu ponto de vista anti-trinitário, milenarista e escatológico é fundamentalmente considerável, e é essa a proposta de cristianismo presente nos documentos manuscritos de Newton.

Este trabalho pretendeu demonstrar como, em um contexto específico, Isaac Newton absorveu estruturas explicativas de mundo e formas de conceituação ligadas intrinsecamente às ideias que circulavam amplamente – ainda que censuradas, consideradas formas de heresia. Newton, indo além, buscou conciliar, sob uma perspectiva individual, valorizando a experiência religiosa cristã e o pragmatismo explicativo em contato com o Texto Sagrado, teorias sobre o fim do mundo e sobre a posição da Igreja e da religião em sua própria realidade – indo, progressivamente, de encontro à contestação e à crítica teológica e formal em relação às posturas da Igreja como instituição temporal, que na perspectiva do autor inglês, encontrava-se em declínio, cada vez mais articulada com as corrupções morais do mundo e se afastando da mensagem original do cristianismo puro, antigo e real.

Todo esse processo de crítica e investigação da história religiosa foi, para Newton, não um motivador para romper os laços religiosos e perder a própria fé; pelo contrário, Newton encontra na devastação da religião cristã um catalizador para a reforma, para a busca incansável pelo verdadeiro cristianismo – ainda que isso custe a adesão por credos “heréticos” e formas teológicas que se afastavam de dogmas existentes e importantes, como o Trinitarismo e a importância de Cristo na história sagrada. Isaac Newton é um cristão apegado ao texto vetero-testamentário e é nele onde estão presentes os grandes exemplos de homens que compreenderam e divulgaram a mensagem divina – em especial, o profeta Daniel.

O Apocalipse de João de Padmos serve, nesta perspectiva religiosa, como um adereço que valida e legitima o texto mais antigo, acertando os marcos temporais e reivindicando, simbolicamente, as figuras de linguagem, metáforas e símbolos que

caracterizam, na perspectiva do historicismo, um apocalipse vindouro já descrito em Daniel.

Para chegar a esse entendimento, foi necessário consultar a vida e a história de Isaac Newton e de uma Europa pós-reforma, que permitiu a consolidação de uma religião própria da Inglaterra, capaz de redefinir as fronteiras do entendimento religioso, alargando as fronteiras de censura e criando uma classe de intelectuais com inclinação para o estudo teológico, o que favoreceu o rápido estabelecimento de Newton como figura de autoridade no meio intelectual. Toda a mitologia fundada após esta consolidação, com um “Newton mitológico”, herói do iluminismo e de um pensamento progressista para a ação humana, características reforçadas por seus admiradores e divulgadores (Voltaire, com maior força), acabam decretando Newton um dos maiores de seu tempo. Porém, somente as investigações recentes esclarecem o desejo de Newton de encontrar, no passado idealizado, soluções para um presente caótico e desesperançoso.

É no passado, e não no projeto iluminista de progresso, que Isaac Newton encontra as fórmulas para, enfim, reacender uma vé verdadeira. Os usos de Newton, em sua época, apagam e desconsideram sua figura controversa, conservadora e religiosa, ao mesmo tempo em que utilizam seus métodos pragmáticos e metódicos de investigação como forma de validar uma nova forma de percepção do mundo e de ação humana – capaz, até mesmo, de romper com a religião; não só isso, toda o mito newtoniano criado durante a vida, após a morte e com a consolidação e necessidade de legitimação de ciências diversas no espaço acadêmico ajudaram a refazer, incansavelmente, uma reconstrução de Newton como herói que rompe com estruturas antigas, nos aspectos conceituais, sociais, ideológicos e epistemológicos.

O texto lido mostra que isso não é realmente verdadeiro. Newton segue tradições, reinventando-as e adaptando-as ao próprio mundo, mas nunca as deixando de lado. O herói do iluminismo pode nunca ter se imaginado assim, ainda que tivesse planos auspiciosos. Permaneceu fiel ao credo cristão, bebeu de seus símbolos e desenhou uma interpretação que abrangia o passado, o próprio presente e um futuro apaziguador, que destruiria as ruínas de uma Igreja ilegítima e traria de volta o cristianismo primitivo, real. Imaginar que Newton é símbolo de alguma ruptura é se apegar a um símbolo defasado e

exagerado; mais do que isso, é um anacronismo que nos custa caro, no qual projetamos na figura de Newton um homem que nos foi alterado, caricaturado.

Este Newton “religioso” permite enveredar por novas formas de compreensão da Época Moderna e do movimento iluminista, repensando as discontinuidades e valorizando contextos específicos, dificilmente recuperáveis, mas que devem exigir o esforço de interpretação e entendimento no presente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1. Fontes

BÍBLIA. Português. 2002. *Bíblia de Jerusalém*. nova ed., rev. e ampl. 2206 p.

NEWTON, Isaac. *Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John*. Londres: 1733.

_____. *Treatise on Church history with particular reference to the Arian controversy*. Yahuda Ms. 19, National Library of Israel, Jerusalém, Israel.

_____. *The Chronology of Ancient Kingdoms Amended*. Londres: 1728.

_____. *Theological Notebook*. Cambridge: c. 1684-1690.

WHISTON, William (Org.). *Sir Isaac Newton's Daniel and the Apocalypse: With an introductory study of the nature and the cause of unbelief, of miracles and prophecy*. Londres: John Murray, 1922. 380 p.

6.2. Obras de referência

BACHUR, João Paulo. Individualismo, liberalismo e filosofia da história. *Lua Nova*, São Paulo, n. 66, p. 167-203, 2006.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas, SP: Editora da UniCAMP, 1992.

CHARTIER, Roger. Filosofia e história, in: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Traduzido do francês por Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002

CHURCHILL, Winston. *A History of The English-speaking Peoples*. Vol. único. Henry Steele Commager, 1994.

- DARNTON, R. O Beijo de Lamourette: mídia cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 175-197.
- EISENSTEIN, Elizabeth. *Revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna*. São Paulo: Ática, 1998. 320 p.
- Feingold, M. *Before Newton: The Life and Times of Isaac Barrow*. Cambridge University Press. 1990.
- GADAMER, Hans Georg. *Truth and method*. 2. ed. London: Sheed & Ward, 1985. 552p.
- GAY, P. *The Enlightenment: the science of freedom*. EUA: Norton Paperback, 1969.
- GINZBURG, Carlo. Señales: Raíces de un Paradigma Indiciario. In GARGANI, Aldo (org.) *Crisis de la Razón*. México, 1983.
- HIMMELFARB, G. *The Roads to Modernity: The British, French, and American Enlightenments*. EUA: Vintage, 2005.
- ISRAEL, J. *Radical Enlightenment. Philosophy and the Making of Modernity (1650-1750)*. Estados Unidos: Oxford University Press, 2001.
- JUNG, C. G. *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982. 317 p
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. 366 p.
- MARTINS, E. R. O Moralismo Escocês Do Séc. XVIII e a Concepção De Liberdade No Kant Pré-Crítico. *Revista Portuguesa De Filosofia*, vol. 39, no. 3, 1983, pp. 294–311.
- OLIVEIRA, Terezinha. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica. *Acta Scientiarum (UEM)*, Maringá, v. 21, n.1, p. 175-185, 1999.
- OLSEN, Niklas. *History in the plural: an introduction to the work of Reinhart Koselleck*. New York: Berghahn Books, 2012. viii, 338 p.

- ROCHA, S. A. Evolução histórica da teoria hermenêutica: do formalismo do século XVIII ao pós-positivismo. *Lex Humana*. Vol. 1, Nº 1 (2009) .
- ROSSATTO, N. D.; DIEBE, E. P. . A filosofia cristã de Pedro Abelardo: diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão. *Mediaevalia Americana*, v. 1, p. 91-102, 2014.
- SKINNER, Quentin. *Visions of politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SORKIN, D. *The Religious Enlightenment: Protestants, Jews, and Catholics from London to Vienna*. Estados Unidos: Princeton University Press, 2008.
- POCOCK, J. G. A. *Political thought and history: essays on theory and method*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2009. xvii, 278 p.
- PORTER, R. *Enlightenment. Britain and the Creation of the Modern World*. Londres: Penguin Books, 2000.
- WITHERS, Charles. *Placing The Enlightenment: thinking geographically about the Age of Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

6.3. Newton, profecia e apocalipse

- BREWSTER, D. *Memoirs of the Life, Writings, and Discoveries of Sir Isaac Newton*, 2 vols., Edinburgh, 1855.
- CASINI, Paolo. *Newton e a consciência europeia*. São Paulo: UNESP, 1995.
- HILL, Christopher. *Antichrist in Seventeenth-Century England*. Londres: Verso.
- MAMIANI, Maurizio. Newton on prophecy and the Apocalypse. In: COHEN, I. Bernard; SMITH, George E. (Org.). *The Cambridge Companion To Newton*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. cap. 13, p. 387-408.
- SNOBELEN, Sthepen. D. The true frame of Nature: Isaac Newton, heresy and the reformation of natural philosophy”. In *Heterodoxy in early modern science and religion*, ed. John Brooke and Ian Maclean. Oxford: Oxford University Press, 2005, pp. 223-262.

- _____. In the language of men: the hermeneutics of accommodation in the Scientific Revolution..In *Interpreting Nature and Scripture in the Abrahamic Religions: History of a Dialogue*, ed. Jitse M. van der Meer and Scott H. Mandelbrote. Vol. 1. Leiden: Brill, 2008, pp. 691-732.
- STEIN, Howard. Newton's metaphysics. In: COHEN, I. Bernard; SMITH, George E. (Org.). *The Cambridge Companion To Newton*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. cap. 8, p. 256-307.
- JUE, Jeffrey K. An English Millenarian Legacy. In: JUE, Jeffrey K. *Heaven Upon Earth: Joseph Mede (1586-1638) and the Legacy of Millenarianism*. Países Baixos: Springer, 2006. cap. 8, p. 141-175.
- MANDELBROTE, Scott. Newton and eighteenth-century Christianity. In: COHEN, I. Bernard; SMITH, George E. (Org.). *The Cambridge Companion To Newton*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. cap. 14, p. 409-430.
- MELI, Domenico B. Newton and the Leibniz-Clarke correspondence. In: COHEN, I. Bernard; SMITH, George E. (Org.). *The Cambridge Companion To Newton*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. cap. 16, p. 455-464.
- SCHOEPFLIN, Rennie B. Apocalypticism in an Age of Science. In: STEIN, Stephen J. (Org.). *The Encyclopedia of Apocalypticism: Apocalypticism in the Modern Period and the Contemporary Age*. 2. ed. Nova Iorque: Continuum Publishing Company, 2000. cap. 14, p. 427-441. v. 3.
- WESTFALL, Richard. *A Vida de Isaac Newton*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.